

Diego Pontes

9º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

GT 11: O ensino de Sociologia na educação básica e as metodologias ativas da aprendizagem

Em campo na escola: um olhar etnográfico a partir da arquitetura escolar

São Paulo, SP

2025



EM CAMPO NA ESCOLA: UM OLHAR ETNOGRÁFICO A PARTIR DA ARQUITETURA ESCOLAR

Diego Pontes ¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo a elaboração de apontamentos que se constroem no campo de estudos sobre o ensino de ciências sociais. Por meio de uma atividade realizada em aulas de Sociologia com turmas da ETER *Campus* República, em Quintino, zona norte do Rio de Janeiro, apontamos para um olhar a partir da arquitetura escolar e seu entorno, considerando, portanto, a visão dos estudantes sobre o espaço escolar. Ademais, o presente trabalho considera aproximações entre os campos da antropologia e arquitetura ao provocar um diálogo que abarque a relação entre a diversidade e identidade cultural dos estudantes com a construção do espaço em questão. As cidades reveladas a partir da atividade apresentada lançam luz para um contexto urbano estruturado por profundas desigualdades, violações de direitos e estruturas de poder, temas caros às ciências sociais. Com isso, este ensaio sublinha algumas potencialidades de uma metodologia que busca observar a cidade enquanto elemento pedagógico por meio das relações de poder e marcadores sociais das diferenças que se expressam nas experiências urbanas contemporâneas.

Palavras-chave: Arquitetura escolar, Etnografia, Cidade, Ensino de ciências sociais

INTRODUÇÃO

O presente ensaio busca elaborar uma reflexão que se desenha no campo de estudos sobre o ensino de ciências sociais. Por meio de uma atividade realizada no ano de 2024 em aulas de Sociologia com turmas do ensino médio e técnico da ETER-FAETEC *Campus* República, localizada em Quintino, zona norte do Rio de Janeiro, foi elaborado um olhar a partir da arquitetura escolar considerando a visão dos estudantes sobre o espaço da escola e os caminhos que percorrem para chegar até ela.

Ao encarar a arquitetura, pensada enquanto interface da vida social e, na atividade supracitada, objeto pedagógico, possibilita-se aberturas analíticas acerca

¹ Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais – UFSC, Especialização em Ensino de Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Sociologia Urbana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Rio de Janeiro, RJ, diegopontez@gmail.com



da realidade social do Rio de Janeiro e do cotidiano dos e das estudantes. Por meio dela, podemos perceber suas transformações, caminhos, trajetórias e relações estabelecidas com o meio urbano. Dessa forma, O espaço escolar se apresenta como uma ferramenta de aprendizagem propulsora de debates sobre as dinâmicas urbanas de maneira mais ampla. Por essa direção, foram colocados em relevo a organização e a ritualística do cotidiano escolar, estimulando, com isso, debates e considerações a respeito da diversidade cultural, desigualdade social e direito à cidade (Lefebvre, 2001).

O exercício etnográfico, construído por meio do trabalho de campo, tornou possível elucidar uma variedade de olhares e percepções tomando a escola como ponto de partida. Assim, as salas de aula, o pátio, o auditório, a biblioteca, os laboratórios, as quadras, o campo de futebol e outras áreas comuns trazem um panorama atual do *Campus República*. Portanto, esses espaços sugerem uma ótica que pode nos ensinar sobre poder, inclusão, memória e acessibilidade por meio das experiências vividas e do breve levantamento da história da instituição.

Foram apresentados mapas afetivos, fotografias e relatos sobre o ambiente escolar e o dia a dia dos alunos e alunas. Contudo, foram levantadas questões que dizem sobre desigualdades educacionais e no acesso à equipamentos públicos e infraestrutura urbana, abrangendo apontamentos para um contexto social de escolas localizadas em territórios atravessados pela violência urbana. Experiências e trajetórias enlaçadas a partir de marcadores sociais das diferenças, como gênero, raça, classe social e sexualidade direcionaram reflexões marcadas pela vivência nas cidades, sobretudo em dinâmicas urbanas periféricas e suburbanas.

Ademais, este trabalho considera aproximações teórico-metodológicas entre os campos da antropologia e arquitetura a partir do que suscitou François Laplantine (2013), apreendendo, por exemplo, a relação entre a diversidade e identidade cultural com a construção do espaço por meio da observação dos detalhes cotidianos. Como apresentado e destacado nas atividades, elementos visuais desenvolvidos em outras disciplinas, promovendo o debate sobre a diversidade racial, de gênero e sexual, fazem parte da atmosfera escolar, podendo ser visto, por exemplo, em exposições de cartazes em murais espalhados pela escola e em peças de teatro² apresentadas na instituição.

² A instituição conta com curso técnico em teatro e dois auditórios equipados onde acontecem alguns ensaios, aulas e apresentações.

As cidades reveladas a partir da atividade lançam luz para um entorno urbano estruturado por profundas violações de direitos, desigualdades e estruturas de poder, temas caros às ciências sociais e debatidos em aula no decurso do exercício etnográfico. Com isso, estas reflexões sublinham algumas potencialidades e possibilidades de uma metodologia que busca observar a cidade e o espaço urbano enquanto elementos pedagógicos, por onde podem ser contadas histórias que nos levem a provocações por meio da arquitetura e das relações de poder que a alicerçam.

Dentre os desafios e dilemas contemporâneos para pensarmos a vida urbana, cabe ressaltar e acrescentar as dinâmicas afetivas, os vínculos e eventos que corporificam e dinamizam o entorno, como exemplificado por meio da tradicional festa de São Jorge, o desfile da escola de samba local durante o carnaval, bem como a inauguração da estátua do Zico, notório jogador de futebol nascido no bairro. As camadas e dimensões apresentadas apontam para a coexistência e sobreposições de experiências em um espaço urbano que existe em ambivalentes percepções e representações a seu respeito.

Os recortes da escola e da cidade, ressaltados pelos alunos em fotografias, orientam uma discussão que se constrói trazendo questões abordadas por Michel Foucault (2009) ao considerar a arquitetura para pensar sobre modelos e dispositivos de poder disciplinares presentes em instituições como escolas e prisões. Por essa via, ganham destaque a arquitetura pavilhonar e regulatória, as pertinentes aproximações com o *panóptico* apresentado por Foucault e ainda quais novos sentidos e significações emergem ao pensarmos o contexto onde estamos inseridos e analisando.

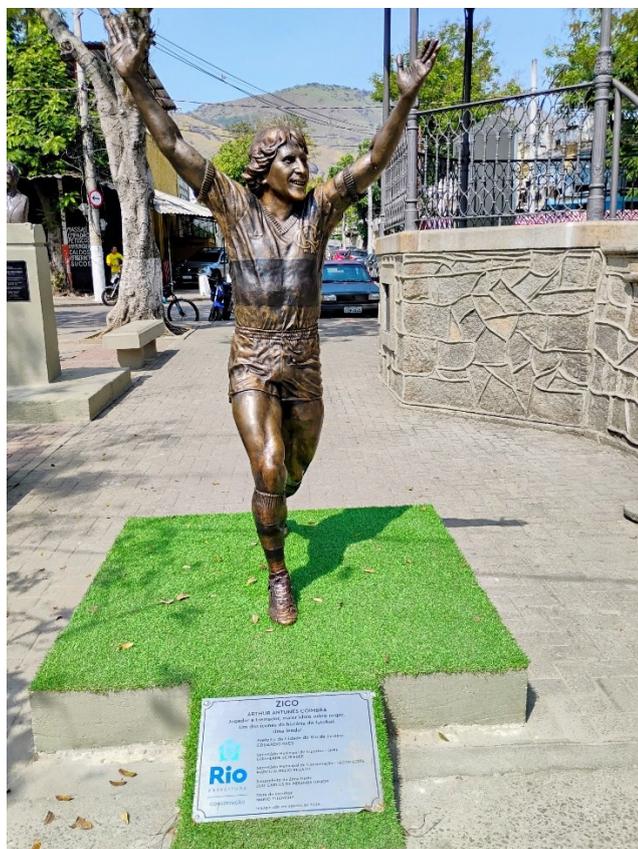
Por essa direção, fomos levados a pensar sobre o cotidiano pela perspectiva dos conflitos, das redes de sociabilidade e dinâmicas culturais que se desenrolam na cidade e fazem a vida urbana, como nos diz Manuel Delgado (2011). As relações que se estabelecem entre normas e regras, micro eventos, meios de transporte e também nos problemas relativos à educação pública criam novos mapas, atalhos e desafios que refazem cotidianamente a cidade e o chão da escola.

Imagem 1: Pavilhão de aulas, ETER Campus República



Fonte: O Globo, 2018.

Imagem 2: Estátua do Zico inaugurada em 2024 apresentada em uma das atividades



Fonte: Acerco das alunas



BREVES CAMINHOS ENTRE ANTROPOLOGIA E ARQUITETURA

Dos encontros entre arquitetura e antropologia que venho percorrendo a partir de meu contato com os estudos urbanos desde minha graduação até o doutorado, desenha-se, neste ensaio, um olhar sobre a produção do espaço escolar e suas redes de sociabilidades por uma perspectiva etnográfica e situada. Por meio de debates sobre a arquitetura escolar, seja pela arquitetura ou antropologia, desdobra-se a abertura de indagações a respeito de seus espaços experienciados e do método etnográfico como forma de sua apreensão. Portanto, a dimensão simbólica da arquitetura que busco aqui analisar se volta aos detalhes e códigos culturais que a envolvem e que tecem as interações cotidianas sobre os espaços da cidade, bem como as relações estabelecidas com o meio urbano (Santos; Brites, 2023; Rocha et. al. 2023).

François Laplantine (2013), apontando aproximações entre a antropologia - entendida como etnografia - e a arquitetura, onde ambas são apresentadas como atividades que colocam em jogo a totalidade dos sentidos, ressalta paralelos entre seus exercícios de observação, atenção aos detalhes e construção, pensadas, então, como inerentes às suas práticas. Tanto no fazer antropológico quanto no fazer arquitetônico-urbanístico, a atividade de caminhar e observar, assim como de experimentar a forma e o espaço, segundo o autor, consiste em avançar, recuar, formular, religar e, muitas vezes, fazer variar e bifurcar a perspectiva. Laplantine, sublinhando pontes entre os dois campos do conhecimento, chama atenção para o exercício do trabalho de campo, onde os detalhes cotidianos - material rico ao olhar de antropólogos e arquitetos - sugerem a possibilidade de abordagens microscópicas, atentas aos códigos de comportamento da vida social e coletiva. Para o autor, a realidade social só é acessível de modo sucessivo, despedaçado, fragmentário e, por vezes e como convém ao cenário aqui estudado, contraditório e (des)territorializado. Com isso, apresenta-se a construção de uma ótica distante da busca por uma totalidade homogênea, considerando, no entanto, que “a vida cotidiana deve ser apreendida na multiplicidade de suas dimensões e pedaços.” (Laplantine, 2013, p. 20)

Desse modo, a etnografia não é somente um exercício da linguagem, em que a percepção e a observação dos fenômenos se “traduzem” na passagem do que se



vê para a escrita minuciosamente descritiva. Como aponta o autor, no sítio ou no campo, o espaço e a arquitetura sempre são percebidos de um ponto de vista em que

a descrição etnográfica (como escritura das culturas e das arquiteturas) não se conclui necessariamente na estrutura. Ela é uma questão que deve ser relacionada também com a leitura. De uma mesma paisagem é possível haver não apenas uma, mas uma pluralidade de escrituras e, principalmente, de descrições possíveis. E de uma mesma paisagem descrita, tal como de um mesmo prédio construído, há mais de uma leitura possível. (LAPLANTINE, 2013, p. 21)

Construir uma narrativa etnográfica ou um projeto arquitetônico ou urbanístico é, nos termos de Laplantine, uma escolha simultaneamente epistemológica, estética, política e ética. Ao passo que se torna necessário um olhar que traga as dimensões urbanas a partir de suas transformações e adaptações permanentes no espaço aqui analisado, as caminhadas em campo promovidas pelos estudantes permitiram a ampliação do debate a respeito do tema aqui elaborado, bem como de suas possibilidades analíticas e metodológicas.

Assim, por meio do exercício da arquitetura e da antropologia podemos pensar a coexistência de camadas de um espaço que existe, se reinventa e se constrói entre dispositivos de vigilância, arquitetura da violência e modos diversos e *astuciosos* de fazer e *praticar* a cidade. Uma cidade que se revela muitas vezes fora dos mecanismos regulatórios e das estruturas de poder e disciplinamento, tal como frisado por Michel de Certeau (2014).

Dito isso, as interrogações e discussões que brotaram das observações relatadas em aula foram discutidas ao longo do processo desenvolvido no período de um trimestre, viabilizando, portanto, uma ótica que ressaltou o quanto outros problemas urbanos presentes no Rio afetam diretamente o cotidiano escolar e a vida na cidade. Em termos didáticos, isso nos leva ainda a refletir a respeito da antropologia imaginada e praticada para além da sua atmosfera puramente acadêmica e também destacar o ambiente escolar e as práticas pedagógicas do ponto de vista etnográfico, ampliando, dessa maneira, seus modos e lugares de observação, atuação e aplicação.



DA FUNABEM AO CAMPUS REPÚBLICA POR MEIO DAS ATIVIDADES ETNOGRÁFICAS

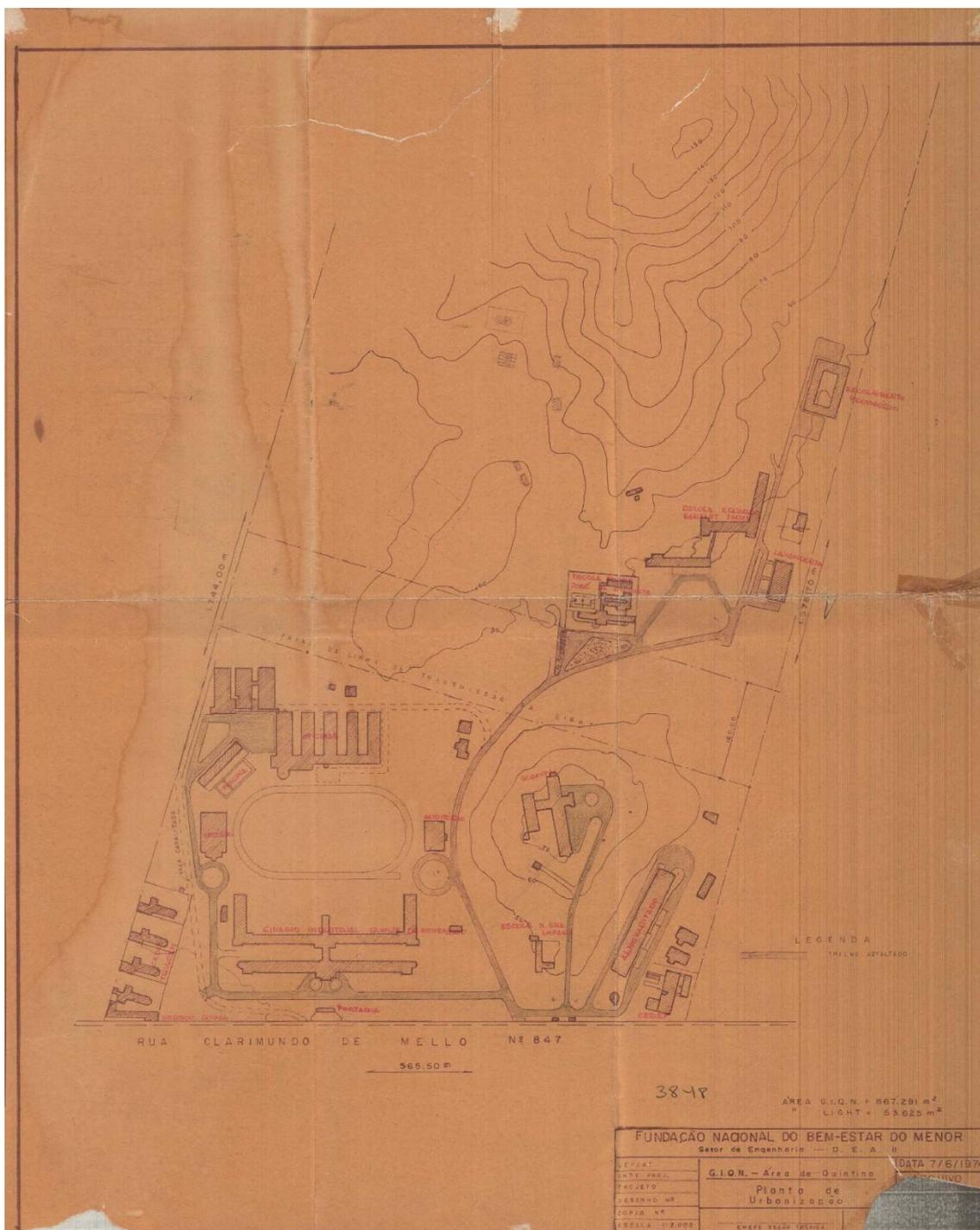
Além da descrição do espaço físico, muitos estudantes trouxeram em suas atividades as reconfigurações do ambiente educativo em questão, bem como a dinâmica espacial do seu cotidiano ao longo de sua história. Localizado na Rua Clarimundo de Melo, o *campus* é apresentado como um espaço formativo que contempla escolas públicas do ensino primário até a pós-graduação. Um complexo que abriga, além da Escola Técnica Estadual República – ETER, também a sede administrativa da Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro (FAETEC), o Centro de Apoio Especializado à Educação Profissional (CAEP) Favo de Mel e um Instituto Tecnológico.

Contando com mais de 1.900.000 m², o *Campus* República oferta cursos como enfermagem, moda, eletrônica, mecânica, jogos e redes, entre outros, e está inserido em um contexto de precarização e sucateamento da educação pública no estado. Como também destacado nos trabalhos e em termos de contextualização, a estrutura da FAETEC hoje conta com mais de 140 unidades espalhadas por todo o estado do Rio de Janeiro, oferecendo uma gama de cursos técnicos e superiores. Dentre os problemas que vêm afetando a instituição e como sublinhados pelos alunos, destacam-se a dinâmica de esvaziamentos e diminuição do quantitativo de alunos, unidades fechadas, restrição orçamentária e falta de segurança, professores e investimentos de maneira geral.

As atividades utilizaram imagens e recortes pesquisados na *internet* e em livros específicos sobre o campo investigado em paralelo ao exercício etnográfico de observação. Alguns alunos também realizaram entrevistas com diferentes funcionários, como seguranças, coordenadores e docentes que relataram suas percepções sobre a área investigada. Por meio dessa proposta, foram “coletadas” camadas e dimensões do espaço, iluminando memórias do passado e do presente que se mostram e perduram em seu cotidiano.



Imagem 3: Planta de urbanização apresentada na atividade



Fonte: <file:///C:/Users/CLIENTE/Desktop/1590713775396-null-Reg-2359.pdf>

Ademais, a partir do trabalho realizado torna-se viável um olhar para a transformação da unidade da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM) em *Campus* central da FAETEC - República. Esse ponto apareceu praticamente em todas as apresentações dos estudantes e vale o levantamento de breves elucidações.

A partir de uma perspectiva historicizada, discute-se como essa mudança reflete as transformações nas políticas públicas voltadas à juventude e à educação profissional e técnica no Brasil. Essa mirada se volta à reflexão crítica sobre o deslocamento de um modelo de controle socioassistencial para outro voltado à educação técnica. À guisa da discussão, cabe ressaltar que a trajetória institucional de espaços voltados às medidas socioeducativas no Brasil revela importantes mudanças nas concepções de cidadania, controle social e inclusão. Entre rupturas e continuidades, como exemplo emblemático podemos justamente pensar a transformação da unidade da FUNABEM, em Quintino, em um campus da FAETEC, nos levando a elucidar essa transição que coexiste e reflete as mudanças nas políticas públicas brasileiras.

Criada em 1964, durante o regime militar, a FUNABEM tinha como meta institucional a assistência ao "menor em situação irregular". No bairro de Quintino, a unidade operava como um centro de internação e formação, refletindo um modelo que combinava práticas educativas com dispositivos de controle, vigilância e disciplina. Sua atuação era marcada por uma lógica de tutela estatal sobre a infância pobre – e majoritariamente negra -, historicamente e cotidianamente criminalizada e marginalizada.

Com a redemocratização e a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no ano de 1990, a FUNABEM foi extinta, dando lugar a uma nova arquitetura institucional voltada à luta e garantia de direitos. A unidade de Quintino permaneceu como estrutura ociosa até ser incorporada, ainda nos anos 1990, ao patrimônio estadual, servindo, posteriormente, de base para a expansão da FAETEC.

Criada em 1997, a FAETEC incorporou o espaço físico da antiga FUNABEM e reconfigurou seu uso com base em uma nova perspectiva: a formação técnica e cidadã de jovens. O Campus Quintino tornou-se um dos principais centros de ensino da rede e essa transição simboliza uma mudança paradigmática nas políticas de juventude, que passam a ser baseadas em uma ideia de "inclusão produtiva e técnica" no que diz respeito ao acesso à educação pública e ao mercado de trabalho.

Assim, a transformação da FUNABEM em FAETEC mostra-se como um caso simbólico de ressignificação institucional, ainda que, literalmente, sobre as ruínas de estruturas ultrapassadas. Ao substituírem práticas repressivas por políticas educativas

e emancipadoras, essas mudanças também refletem a disputa simbólica e política por memória, bem como pela função e sentidos dos espaços públicos. Com isso, resta o desafio de construir uma memória crítica dessas instituições, reconhecendo, portanto, os avanços e os legados de exclusão, desigualdade e violência que ainda se mostram em seu cotidiano.

Quando pensamos o entorno do *Campus*, casos que envolvem tiroteios, assaltos e assédios foram comumente narrados pelos estudantes em suas atividades, além do medo entre as idas e vindas para a escola e as frequentes aulas canceladas por conta de confrontos e operações entre a polícia e facções criminosas. Dessa maneira, foi possível traçar alguns apontamentos e um breve recorte a partir da realidade em que os estudantes estão inseridos, sobretudo quando pensamos sobre problemas estruturais presentes em territorialidades cariocas específicas.

Imagem 4: Fachada da *ETER-FAETEC República* destacada na atividade



Fonte: Acervo das estudantes

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da apresentação de um relato de experiência de uma atividade etnográfica desenvolvida nas aulas de Sociologia com estudantes da ETER *Campus República*, localizada em Quintino, zona norte do Rio de Janeiro, tornou-se possível refletirmos sobre desdobramentos do ensino de ciências sociais na educação básica. A atividade consistiu em um exercício de observação e de pesquisa a partir da arquitetura da escola e a relação com os bairros que se encontram em seu entorno.

Desse modo, este trabalho pontuou aproximações teórico-metodológicas entre os campos da antropologia e da arquitetura ao considerar a cidade e o espaço urbano enquanto ambiente pedagógico. Com isso, o espaço escolar foi encarado como frutífero a apontamentos que dizem respeito à construção e percepções acerca do *campo* em questão.

Como efeito, as cidades que foram reveladas por meio da atividade apresentada lançam luz para um entorno urbano estruturado por profundas desigualdades, violações de direitos e estruturas de poder, temas latentes no campo das ciências sociais. Este ensaio sublinha algumas potencialidades de uma metodologia que, a partir dos relatos dos/as estudantes, buscou observar a cidade enquanto elemento dinamizado e estruturado por relações de poder e marcadores sociais das diferenças que se expressam nas experiências urbanas contemporâneas.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2014.

DELGADO, Manoel. **El espacio público como ideologia**. Editara Catarata, Madrid, 2011.

FOULCALT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. tradução de Raquel Ramalhete. 37. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**. n. 10, 1999. p. 58-78.

LAPLANTINE, François. Antropologia e arquitetura. In: **Novos olhares sobre o lugar: ferramentas e metodologias, da arquitetura à antropologia**. Editora Contracapa, Rio de Janeiro, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

RIZZINI, Irene. **O Século Perdido: Raízes Históricas das Políticas Públicas para a Infância no Brasil**. Rio de Janeiro: Iser, 1997.

ROCHA, Ana Angelita. SANTOS, André; CLARE, Brooks. Territorialidades educacionais e arquitetura escolar em tempo de crises políticas, de saúde e climáticas: diálogos interdisciplinares e transescalares. **Revista Contemporânea de Educação – RCE**. v. 18. n. 43, Rio de Janeiro, 2023.

SANTOS, André; BRITES, Paulo. Arquitetura escolar: entre espaço e pedagogia, perspectivas de futuro. **Revista Contemporânea de Educação – RCE**. v. 18. n. 43, Rio de Janeiro, 2023.